

O papel dos "vencedores" em *Viento Fuerte* de Miguel Ángel Asturias

Amina Vergara*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar o papel dos "vencedores" em *Viento Fuerte*, primeiro livro da *trilogía bananera* do escritor guatemalteco Miguel Angel Asturias. Perpassando o cotidiano dos funcionários estadunidenses da United Fruit Company – companhia estadunidense exportadora de bananas, que atuou nos países centro-americanos durante as duas primeiras décadas do século XX – pretende-se mostrar como o surgimento e afirmação de uma identidade, individual ou coletiva, se dá a partir do olhar do *outro*.

Palavras-chave: Guatemala, Miguel Ángel Asturias, Literatura hispano-americana.

Abstract: This paper aims to present the role of the "winning" in *Viento Fuerte*, first book of Miguel Ángel Asturias' *trilogía bananera*. Describing the north american staff's daily in the United Fruit Company, – north american company, banana exporter, that acted in Central America countries during the two first decades of the twentieth century – the main intention is to show how the arise and assertion of an individual or collective identity, is given by the *others'* look.

Key words: Guatemala, Miguel Ángel Asturias, Latin-american literature.

Cosi ou *Lester Mead*, ou ainda *Mr. Lester Stoner*, era o mais excêntrico e estranhamente simpático dentre todos os "gringos"¹ que habitavam as zonas bananeiras de propriedade da *Tropical Platanera SA*. Sobre ele, dizia-se filho de um cidadão estadunidense – por seus olhos verdes e a maneira como falava um *inglês impecável* – com *uma sereia, uma mulher do mar*, que atacava os homens angustiados em noites de lua-cheia – por sua insolente gargalhada que costumava soltar enquanto caminhava, com bizarra familiaridade, pelos *quadriláteros* bananeiros.

Tamanho era o espanto e mesmo a desconfiança, que *Cosi* – *el gringo que no parecia ser gringo* – despertava nos peões da zona bananeira, que diziam, ele tinha *por lo menos pacto con el diablo*.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social – DH – FFLCH – USP, sob orientação do Prof. Dr. Júlio César Pimentel, com o projeto intitulado "A United Fruit Company e a Guatemala de Miguel Ángel Asturias", utilizando como fonte de pesquisa a *trilogía bananera* de Miguel Angel Asturias: *Viento Fuerte*, *El Papa Verde*, *Los ojos de los Enterrados*, e tendo como metodologia a relação entre Literatura e História para narrar a ação da *United Fruit Company* na Guatemala.
aminaverg@gmail.com

Em *Viento Fuerte*, primeiro livro da *trilogía bananera* de Miguel Ángel Asturias, a ação se centra nos esforços de um cidadão estadunidense – no caso, *Cosi*, que em um primeiro momento, se apresenta como um homem dono de uma *carcajada de alguien que reía como payaso. Una risotada fingida, y sin embargo, de una pugnacidad insultante* – em luta contra seus compatriotas para organizar, sobre bases mais justas, a exploração fruteira em um país centro-americano.²

Nos centrando no primeiro livro da trilogia de Asturias, podemos deixar de lado, por um momento, a "mirada para a história dos vencidos" – tão celebrada pelos estudos históricos mais recentes, assim como pelas Ciências Sociais em geral – para lançar um novo olhar sobre o papel dos "vencedores". Sem desconsiderar as importantíssimas questões trazidas à tona pela história do cotidiano, por exemplo, não podemos negligenciar a idéia de que sem os "vencedores" não existiriam os "vencidos".

Partindo do pressuposto de que hoje em dia, a maioria das pesquisas em Ciências Humanas, se impõe o dever de dar "voz aos silenciados", "iluminar as sombras" e "preencher as lacunas da história", não se deve deixar de lado o significativo papel dos dominadores, exploradores, colonizadores – mesmo que marcado por guerras, massacres, destruição, não somente de territórios, como também de identidades individuais e coletivas – na vida e no decurso da história dos próprios dominados, explorados e colonizados. É este impasse, que nos aponta o intelectual ganense Kwame Anthony Appiah, ao falar do escritor nigeriano Chinua Achebe:

E [Chinua Achebe] termina interrogando sua identidade de africano com estas palavras: 'Que significa a África para o mundo? Quando se vê um africano, que significa isso para o homem branco?' Note-se a pressuposição da segunda pergunta: o reconhecimento de que a identidade especificamente africana começou como produto de um olhar europeu (masculino). (APPIAH, 1997, p.109).

Sem negligenciar o processo de colonização européia – marcado por uma total ignorância, por parte dos europeus, acerca das diversas cosmovisões, dos mais diferentes povos africanos – é importante atentar, que em tal processo sempre houve algum tipo de *troca*, por mais perversa que tenha sido a relação de dominação entre europeus e africanos.

*

Em certo sentido, podemos transpor essa mesma idéia – de surgimento e afirmação de uma identidade, individual ou coletiva, a partir do olhar do outro – para a América Central durante as primeiras décadas do século XX. Surgindo assim, sem nunca deixar de ser tensa, a relação entre "la famosa gente de por allá y la pobre gente de acá." (ASTURIAS, 1976, p.49).

Para os povos centro-americanos (assim como venezuelanos, colombianos e equatorianos), durante décadas e em alguns países, até os dias atuais, as *Compañías Bananeras* foram a personificação dos Estados Unidos em seus países. Senhoras da vida e da morte de seus trabalhadores, as *Compañías* exploraram a terra e o homem, esmagaram sua indústria interna e aferraram a disputa agrária, a ponto mesmo, de mudar a paisagem geográfica dos países latino-americanos em que atuou.

Así eran las cuentas en las pérdidas como en las ganancias en la "Tropicaltanager", como llamaban a la "Tropical Platanera S.A."
(...) (ASTURIAS, 1976, p.26)

Peones, caporales, mandaderos, administradores, hasta los administradores llegaba la organización humana, se puede decir, porque a partir de allí con otros hombres empezaba la maquinaria ciega, implacable, que todo lo convertía en cifras en sus libros, inalterable, cronométrica, precisa. (ASTURIAS, 1976, p.28)

Diferentemente do imperialismo europeu na África, a coerção não era realizada pela *presença física* do homem branco – que de fato invadia territórios, massacrava povos e destruía culturas e identidades – mas sim, por uma empresa exportadora de bananas, no caso da América Central. Ou seja, não havia intervenção militar direta, mas havia uma clara intervenção econômica: *Somos una empresa comercial*, dizia o *Papa Verde* – o homem mais importante na hierarquia da empresa, em seu escritório de Chicago, para Lester Mead, quando este foi ao seu encontro, interceder por pequenos proprietários particulares, que iriam perder sua produção de bananas se a Companhia não a comprasse – *una agrupación financiera!*, reiterava o empresário. A empresa era como uma entidade, um patrão, e muitas vezes um inimigo, invisível e por isso, inatingível:

Hermenegilo Puac [um simples peão da zona bananeira] no sabía donde quedaba Chicago, pero a pie hubiera llegado, de saber dónde quedaba, para salvarse de la ruina, de la que por fin, no se salvó. Y quién es esa gente, preguntaba. Todos al parecer, sabían quién era pero sin concretar nada. Chicago. La gente de por allá. Los amos. (ASTURIAS, 1976, pp. 194-5)

Era o primeiro registro, em países centro-americanos, de uma empresa que possuía cem por cento de sua produção voltada para o mercado externo, tendo como consequência o subdesenvolvimento de uma indústria interna nos países em que esteve presente. A *United Fruit Company*³ pode ser considerada como uma das primeiras multinacionais instaladas em um país periférico. Importou mão-de-obra estrangeira, institucionalizou o racismo entre seus trabalhadores (no caso da Costa Rica, país em que foi fundada) e explorou a terra e o homem centro-americanos por longos anos.

Esta nova "colonização", que verificamos nas zonas bananeiras da América Central, não teria muito em comum com o sentido de "missão" presente em ideais como o Destino Manifesto e o Mito da Fronteira (tão caros aos cidadãos estadunidenses); somente se pensarmos que a idéia de fronteira, por ter passado a figurar no plano do imaginário, não se trata mais de uma fronteira geográfica, mas simbólica. E no campo do simbólico, a *Tropical Platanera S.A.*, de que nos fala o narrador de Asturias, também tinha seu *mito de fundação*. A lenda contava que *un demônio verde* fez com que um povo forte – descendente de puritanos, que se refugiara na *montanha da esperança* e cultivava com trabalho duro umas poucas plantações de banana – caísse em tentação e aceitasse uma terra sem trabalhá-la, assim como uma riqueza, sem merecê-la:

Y ese fue Anderson, el tentador, el que les ofreció aquellas tierras y en esas tierras la riqueza sin trabajarla ellos, porque eran otros hombres los que iban a trabajarla, porque eran legiones de hombres sudorosos, de hombres pringosos, de hombres empapados en fiebres, de hombres ciegos por la miséria fisiológica, de hombres cuyo destino era ése: trabajar para la raza fuerte del tentador. (ASTURIAS, 1976, p.120)

Não há sentido de "mission civilizatrice" francesa, nem a "visão departamental" britânica (SAID, 1999, p.200-1) na fundação desta empresa exportadora de frutas tropicais em um país centro-americano. E embora a expansão estadunidense, sempre se revista de um sentido de "constante e incansável defesa da ordem" (como ocorre até hoje, no caso do Iraque), não havia qualquer tipo de interesse da United Fruit Company em "salvar" os povos centro-americanos, seu interesse era puramente econômico (que *Lester Mead* se convence após seu encontro com o *Papa Verde*: *Ésta no es una lucha a machetazos; tampoco es una lucha que se va a ganar con discursos tratando de convencerlos; no, es una lucha económica.*), como vemos ser até hoje, o interesse do governo estadunidense no petróleo iraquiano⁴.

*

Os "gringos" de Asturias estavam ali, mas não se sentiam pertencentes – e de fato não pertenciam – àquelas terras aonde o calor vinha de baixo e o verde das folhas de bananeira, dava a tudo, uma cor de esmeralda. Somente a primeira geração, a dos fundadores puritanos (ou aventureiros), tinha permanecido virtuosa, enquanto que as gerações seguintes (as máquinas) sonhavam com os ganhos astronômicos da Companhia. *Carl Rose*, um ex-funcionário da empresa – que mesmo depois de aposentar-se, preferiu ficar nas terras *cor de esmeralda*, por pensar não ser mais capaz de se adaptar ao *coctail que la gente se lo toma de pie, en Nueva York después del trabajo* – falava a seu amigo e funcionário da empresa, *Mr. Pyle*, – que dizia ser consciente de *su rol de piecilla de un mecanismo sin corazón* – que o tempo da *epopeya*, dos primeiros fundadores, já havia terminado e que o que presenciavam agora, era apenas uma *vulgar, torpe explotación*:

– *Hubo, porque la hubo, la hora de la epopeya; pero ahora, qué quieren ustedes, es una vulgar explotación, una torpe explotación de recursos naturales, de tierras inestimables que nosotros despreciamos!*

(...)

Mister Pyle estaba de acuerdo con Carl Rose, en cuanto a que hubo la hora de la aventura, cuando se formaron las plantaciones, cuando la maquinaria penetró en la selva; pero no aceptaba que fuese una torpe explotación. (ASTURIAS, 1976, p.30)

Os funcionários, que já não pertenciam à sua pátria-mãe e tampouco às terras em que agora viviam, pareciam estar em um constante conflito entre *la famosa gente de allá* (sede da empresa nos Estados Unidos) e *la pobre gente de acá* (os peões das zonas bananeiras). Estes funcionários estrangeiros sabiam que os propósitos dos fundadores da empresa haviam sido deturpados, e que, como simples burocratas, eram apenas uma pequena peça de uma gigantesca maquinaria.⁵

E em meio a estes, temos *Lester Mead*, que à princípio, não parece ter muita consciência de qualquer coisa. Mas, que, logo irá constituir uma cooperativa, com outros pequenos proprietários (ele próprio possuía uma finca e negociava sua produção diretamente com a empresa), e onde, sua aparência de estrangeiro (*Su cabello rubio, sus ojos claros, su porte y condición de gringo garantizaban la carga, mejor que la mejor recomendación*) e seu dinheiro que nunca faltava (principalmente para subornar as autoridades, quando preciso), sempre levantaram suspeitas, pois *aquel extranjero* que vinha em defesa *de aquellos sujetos tan peligrosos*, por certo era um *anarquista*.

Entretanto, *Mead* tinha certeza de que em algum momento a terra (*un viento fuerte, huracanado y devastador, se llevará todo*) e o homem, exaustos de exploração (*Los mozos mostraban los dientes en esa risa helada con que se acostumbraron a recibirlo todo, hasta los golpes; pero que ahora era una disimulada gana de dar el mordisco para quitar el pedazo*), se levantariam e a empresa e seus *funcionários-máquina*, desapareceriam.

Ao fim do romance, quando nos é revelada sua verdadeira identidade, somos capazes de compreender suas atitudes. *Lester Mead*, era na verdade *Lester Stoner*, acionista da *Tropical Platanera S.A.* e, portanto, multimilionário. Nas viagens de controle da produção, que costumava fazer, toma consciência do trabalho desumano dos peões nas bananeiras e sob o disfarce do transloucado *Cosi* e o excêntrico *Lester Mead*, fez amigos, organizou uma cooperativa, contornou revoltas e encontrou o amor no mundo *geométricamente cuadrículado* das bananeiras. Segundo ele, *un millonario es eso, el rico que se puede dar el lujo de dejar de ser canalla*.

Ahora ya saben ustedes – concluyó Stoner – cuáles son los métodos que emplea na "Tropical Platanera S. A.", a la que tengo honor de pertenecer, si honor se puede llamar a la condición de traficantes, negreros y esclavistas que tenemos debido a la política adoptada. (...) No hemos sabido tratar con ellos en el plano de la legalidad y la decencia, que implican la industria y el comercio honestos. Todo lo creemos legítimo porque tenemos la fuerza del dólar. (ASTURIAS, 1976, p.184)

La espina dorsal del asunto es sustituir a los que hoy gobiernan la compañía, de acuerdo con la política que todo lo sacrifica la ganancia, por autoridades que hagan uso de nuestro inmenso poder financiero para permitarnos un dominio estable de lo que día a día se nos está escapando de las manos. (ASTURIAS, 1976, p.185)

Após sua experiência como *Cosi* e após relatá-la a um grupo de acionistas, fica claro que *Lester Stoner*, não propunha a extinção da empresa, mas sim melhores condições de trabalho para os peões. Não podemos identificar aqui, uma limitação de sua "consciência da realidade", até porque nem os próprios trabalhadores desejavam a extinção de seu sustento. Mas a exploração de sua força, de sua terra, de suas mulheres e filhos era tal que chegavam ao desespero, como chegou o peão *Hermenegilo Puac*, que em um pacto com o xamã *Rito Perraj*, deu sua vida em troca da destruição de tudo, de quem quer que fosse que o havia feito sofrer tanto:

El Hermenegilo Puac murió porque, cuando no tuvo con quien pelear, se le paralizó el corazón. Por eso murió! Y no tuvo con quién pelear, porque, cuando iba resuelto a matar al Gerente, alguien le dijo: Matás a ese Gerente y ponen outro Gerente, matás a ese otro Gerente, ponen otro Gerente!

(...)

Una fuerza que nada deje en pie. Lo pedía Hermenegilo Puac. Un viento que soplara por debajo. Constante fuerte, más fuerte, cada vez más fuerte y más bajo, desenraizando los bananales de la Tropicaltanera, arrancándola para siempre. (ASTURIAS, 1976, p.194-5)

Lester Stoner e sua mulher Leland Foster, realmente acreditavam que a *Tropical Platanera* poderia ter agido de outra maneira, de uma forma mais humana, pois, *una empresa con tanto respaldo económico, operando a las puertas de su metrópoli, en tierras vírgenes, y disponiendo de mano de obra regalada, pudo ser outra cosa*, dizia Leland, quando, todavia era Mrs. Pyle.

Leland Foster se encantara por Stoner, quando ele se disfarçava de *Cosi (Que al moro amé para seguir su suerte (...), mi tenaz voluntad y mi desprecio del porvenir del mundo lo proclaman...)* e agora compartilhava suas idéias e pensamentos, e com o tempo passou a ter a mesma percepção do marido: *Que cosa, a mi poco o nada me conmueve el drama personal, me angustia el drama colectivo! (...) Ese remordimiento de tenerlo más, cuando a otros les falta!*

O casal Mead reconhecia que seus compatriotas estadunidenses haviam corrompido todos os homens e todas as terras em que pisaram para além de suas fronteiras simbólicas, *Leland, hemos perdido el mundo; los norteamericanos hemos perdido el mundo*, constatava Lester, atônito. A decepção era tamanha, que Lester afirmava: *Corro más riesgo con los cochinos perros norteamericanos de esta compañía, que con los trabajadores!*⁶

Entretanto, o casal não foi poupado pelo *viento fuerte*, desapareceram, assim como todos os demais "gringos" da zona bananeira.

*

A exploração descomunal, dos trabalhadores pelas Companhias Bananeiras, irá ter como primeira reação, uma ação ludista, baseada na idéia de que quebrando as máquinas ou fazendo a empresa, suas plantações e funcionários desaparecerem, – como desejou e conseguiu, Hermenegilo Puac – seu sofrimento terminaria.

Esta ação impulsiva irá fazer com que, os até então "vencidos", se organizem em uma tenaz oposição, onde o surgimento e afirmação de uma identidade latino americana em face aos Estados Unidos, será peça-chave para um processo de libertação definitivo, através de um movimento de resistência contínuo (mesmo que fraco), e que Asturias irá mostrar nos romances seguintes de sua *trilogía bananera*.

*

Unir as profundas explorações dos domínios do subconsciente proclamadas pelo surrealismo e as manifestações socioculturais autóctonas da Guatemala, talvez terá sido a grande contribuição de Miguel Angel Asturias para a literatura hispano-americana. Não se trata, no entanto, de uma simples soma entre o surrealismo e as lendas Maias, mas sim de um *movimento circular* (MARTIN, 1986, p.226), movimento este, em que Asturias parte das tradições dos povos originários, passando pelos domínios do surrealismo (que teve contato, em sua longa estada em Paris), para então regressar, com uma nova visão do mundo e do homem, aos seus mitos e lendas guatemaltecas. Aqui se encontraria a formação do *realismo mágico* ou o *real maravilloso americano* de Alejo Carpentier, ou ainda, o *realismo fantástico* de Arturo Uslar Pietri e Gabriel García Márquez.

A importância de sua contribuição, não está no caráter surrealista de suas obras (o qual também podemos verificar em Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, Arturo Uslar Pietri e Augusto Roa Bastos), mas sim no impulso recebido através do contato fecundo com o surrealismo e na aproximação de dois mundos, Europa e América, que incidiu fundamentalmente em uma nova cosmovisão, apresentada em *El Senõr Presidente*.

O *realismo mágico* de Asturias seria menos anti-realista (em oposição ao realismo literário anterior) e mais uma ampliação do conceito de realidade, um novo modo de representação dessa realidade, superando o realismo e o naturalismo. Ele implica o descobrimento de mundos livres da causalidade consciente, calcado em associações e intuições que superam a ordem e a representação realista e conceitual do mundo.

Por sempre fazer com que o mundo tomasse conhecimento da cultura dos povos indígenas de sua Guatemala, Asturias era um autor engajado. E a literatura latino americana do período, era *naturalmente* antiimperialista e anti-ianque:

Todo lo cual no empece para que, por antonomasia, aun cuando se conjuguen los hechos anteriores, la novela antiimperialista

hispanoamericana sea, casi por definición, antiyanqui. Es lo que le da calor, color, olor y sabor. (SÁNCHEZ, 1968, p.482)

NOTAS

¹ Usarei as aspas para termos de outrem, que, não necessariamente, eu esteja de acordo.

² Já em *El Papa Verde*, a personagem central é um aventureiro estadunidense, que chega a ser presidente de uma sociedade fruteira, roubando primeiramente as terras dos cultivadores e, em seguida, os acionistas da grande empresa. Em *Los Ojos de los Enterrados*, último livro da trilogia, Asturias nos apresenta o levante de uma comunidade indígena, que reivindica sua herança Maia contra a opressão de novos "conquistadores". Os romances, então, apresentam três "ocorrências": o misterioso cidadão estadunidense que mudará sua perspectiva sobre a empresa ao entrar em contato com a realidade dos trabalhadores na zona bananeira, o aventureiro que em momento algum é tocado por essa realidade e o elemento indígena – sempre presente nos escritos de Asturias – que luta para inverter essa realidade. Todos, tendo sempre como pano de fundo – ou mesmo como personagem – a Companhia Bananeira e as plantações de banana.

³ Em 1871, um jovem estadunidense de apenas vinte e três anos se iniciava no mundo dos negócios participando da construção de uma estrada de ferro num ponto marginal da América Central. Pouco menos de trinta anos depois, tal empreendimento já tinha se transformado num império comercial. Minor Keith era seu nome e seu "reino" iniciou-se na Costa Rica. A *United Fruit Company* recebeu algumas denominações de seus trabalhadores, como: *Yunai* (corruptela de United) e *La Frutera*. Outras companhias coexistiram com a *United Fruit Company*, tais como *Standard Fruit, Steamship Corporation, Atlantic Fruit and Sugar Company* e *Di Giorgio Fruit Corporation*, mas a primeira obteve, por um bom tempo, o monopólio da exportação de bananas, sempre comprando, fundindo ou conglomerando as companhias concorrentes.

⁴ Um recente artigo, da Revista Piauí, mostra que os Estados Unidos têm pelo menos cinco "super-bases auto-suficientes" em diversos estágios de construção, hoje, no Iraque. Segundo o autor, essas bases são "uma fatia (bem fortificada) de subúrbio americano, erguida no meio do deserto, que conta com lanchonetes fast-food, campo de golfe em miniatura, campo de futebol americano, cinema e vários bairros distintos – entre eles a 'KBRLândia', nome inspirado na subsidiária da empresa Halliburton responsável pela maior parte das obras de construção das bases." HOLT, Jim. O petróleo é deles. *Revista Piauí*, Rio de Janeiro: Editora Abril, nº 15, dezembro, p. 50-51, 2007.

⁵ Mesmo assim, a "dolorosa consciência" de que trabalhavam para um *mecanismo sin corazón*, não ia muito além da *mesma* consciência que vemos hoje em um Al Gore, um Michael Moore ou um George Clooney... Talvez, esse rompante de consciência, os invadisse porque viviam no calor insuportável e temiam os perigos da floresta e das doenças iminentes, mas, depois de terminados os relatórios e carimbados os recibos, logo retornavam para o uísque (*Aquí los hombres sólo parecen vivos cuando están borrachos*), para as intermináveis insônias (*yo tuve un tiempo de no dormir, de no pegar los ojos*) ou para os filhos bastardos que tinham com as mulheres dos peões (*La esposa del mandador más antiguo, ésa con quien se casó por tercera vez, una jovencita, vino a meterse el otro día aquí a mi casa y...*).

⁶ E ao mesmo tempo afirmava, que não tinham todos os cidadãos estadunidenses, mau caráter – a exemplo dele e sua mulher e para quem queira, dos próprios Al Gore, Michael Moore e George Clooney – mas sim, "bons e maus" cidadãos: *No se nos quieren mal porque seamos norteamericanos, sino porque somos malos norteamericanos!*

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*, São Paulo, Coleção Espírito Crítico, Livraria Duas Cidades, Editora 34, 2003.
- APPIAH, Kuame Anthony. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*, Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 1997.
- ASTURIAS, Miguel Angel. *Los Ojos de Los Enterrados*, Buenos Aires, 6ª edição, Editorial Losada, 1976.
- BÜGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*, 1ª edição, Suhrkamp Verlag, Coleção Vega / Universidade, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro, 9ª edição, Editora Ouro Sobre Azul, 2006.

-
- CHOMSKY, Noam. *O que o Tio Sam realmente quer*, Brasília, 2ª edição, Editora Universidade de Brasília, 1999.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- MARTIN, Carlos. *Hispanoamerica: Mito y Surrealismo*, Bogotá, Nueva Biblioteca Colombiana de Cultura, 1986.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- SEGALA, Amos (org.). *París: 1924-1933. Periodismo y creación literaria / Miguel Ángel Asturias*, edición crítica, 2ª edición. Colección Archivos, ALLCA XX / Fondo de Cultura Económica, 1996.
- SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Proceso y Contenido de la Novela Hispano-Americana*, 2ª edição, Biblioteca Románica Hispánica, Madrid, Editorial Gredos, 1968.